

VISÕES DO EXÍLIO EM *PURGATÓRIO*, DE TOMÁS ELOY MARTÍNEZBárbara Batista¹Amanda Pérez Montañés (Orientadora)²

Resumo: A finalidade do presente trabalho é descrever e analisar as visões do exílio em *Purgatório* (2009), obra do escritor e jornalista argentino Tomás Eloy Martínez, na qual se apresentam relatos de uma época violenta da América Latina, fatos ocorridos na década de 70 na Argentina, período que, como o próprio autor diz, as pessoas desapareciam sem razão aparente. Neste romance, Martínez narra a história de Emilia Dupuy, quem durante trinta anos procurou, infrutuosamente, seu marido, Simón Cardoso, detido e desaparecido durante a última ditadura militar argentina (1976-1983). Um dia, por acaso ou talvez pela força do destino, o encontra num pub em Nova Jersey e com surpresa percebe que o tempo não passou para ele, porque quem vive em exílio vive preso ao passado. Nesse sentido, o exílio pode ser considerado uma espécie de castigo equivalente ao purgatório, o que justifica o título da obra.

Palavras-chave: Exílio; Tomás Eloy Martínez; Purgatório.

Tomás Eloy Martínez nasceu no ano de 1934 em Tucumán, na Argentina e faleceu em 2010, em Buenos Aires. Foi um grande escritor, jornalista e crítico argentino. Se formou em licenciatura de Literatura Espanhola e Latino-americana na Universidade Nacional de Tucumán e em 1970 concluiu o mestrado em Literatura da Universidade de Paris VII. Como crítico cinematográfico foi considerado um dos mais importantes do seu país ao publicar em 1961 o ensaio *Estructuras del cine argentino*. Foi chefe de redação do semanário *Primera Plana*, quando publicou sua primeira obra de ficção, *Sagrado* (1969). Em 1975, quando se exilou na Venezuela continuou trabalhando como editor de papel literário no jornal *El Nacional*. Continuou escrevendo obras com linha mágica e misteriosa, escreveu histórias de ficções como *La novela de Perón* (1985), considerada sua obra mais conhecida, pois nela estavam compiladas entrevistas que Martínez realizou ao líder político há anos atrás quando este estava exilado em Madri. Portanto, Tomás Eloy Martínez foi exilado na época da

¹ Estudante de Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: barbarabatista95@yahoo.com

² Dra. em Ciências Humanas (UFSC). Professora Adjunto D do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina (LEM/UEL). E-mail: amandapm3404662@gmail.com



ditadura, primeiro na Venezuela, México e depois nos Estados Unidos. Recebeu alguns prêmios: *Premio Internacional Alfaguara de Novela* em 2002, *Premio Cóndor de Plata* (2008) e *Premio Ortega y Gasset* em 2009. Sua última obra publicada foi *Purgatório* (2008), objeto de estudo do presente trabalho.

Purgatório

Purgatório foi publicado na Argentina no final do ano de 2008 e lançado no Brasil em 2009. O livro foi traduzido, portanto, ao português, além do francês, alemão e inglês. A história de Emilia Dupuy, a personagem principal do relato, que reencontra seu marido Simón Cardoso em um bar de Nova Jersey. Mas não é um reencontro normal, ele havia desaparecido há 30 anos atrás, no país em que viviam, a Argentina. E o curioso é que Simón continua sendo o jovem com quem Emilia estava recém-casada. O livro começa com esta inusitada situação: Emilia encontra Simón em um bar e ele continua com a mesma aparência física de trinta anos atrás, com esta revelação, o Autor volta no tempo, para explicar alguns fatos, ele começa a explicar como foi o desaparecimento de Simón no inverno de 1976 em Tucumán e nos apresenta o cenário em que a Argentina vivia: O Golpe Militar.

Os militares aproveitaram o descontrole econômico, a política violenta e a desorganização do governo da época para retornarem ao poder. O general Jorge R. Videla (Exército), o almirante Emilio E. Massera (Marinha) e o comandante Orlando R. Agosti (Aeronáutica), integraram a Junta Militar que no dia 24 de março de 1976 tomaram o poder de Maria Estela Martínez Perón. Esta intervenção militar tinha como nome “Processo de Reorganização Nacional”, porém, resultou em aproximadamente 30 mil mortes de civis de acordo com as ONGs argentinas e organismos internacionais de defesa dos Direitos Humanos, números que os militares discordam. Além dos fracassos econômicos e militares, deixou uma marca na humanidade pois é considerada a ditadura mais sanguinária da América do Sul.

O livro nos permite ter conhecimento sobre os fatos ocorridos na Argentina, como o golpe militar de 1976, a preparação do mundial de 1978, a visita dos reis da Espanha e outros acontecimentos que marcaram a história argentina, e que garantem a obra uma maior grau de



realidade e a mesclando com ficção, característica das obras de Tomás Eloy Martínez. Ao longo dos trinta anos em que Simón está desaparecido, Emilia o procura em muitos lugares, seguindo pistas que foram falsas, levando-a ao Rio de Janeiro, Caracas, Estados Unidos, algumas cidades da Argentina, entre outros lugares, que não levaram-na a nada, além do sofrimento e a interminável busca por seu marido, o que o narrador da história chama como um autêntico purgatório, justificando assim o título da obra.

Purgatório é composto por cinco longos capítulos que fazem referência aos versos de “Purgatório” de Dante, segunda parte da “Divina comédia” e serve de suporte para anedota que é relatada, pois Emilia em vida e o desaparecimento de Simón, abandonam a dimensão temporal que é própria dos seres vivos, revelando uma incógnita para o leitor em que data ou dimensão o livro se encontra, como observamos na passagem em que Emilia diz ao narrador: “O purgatório é uma espera de que não se conhece o fim”. (MARTÍNEZ, 2009, p.72).

A narrativa da obra não é linear pois é uma viagem ao tempo, com fatos reais que estão acontecendo. Com a chegada do segundo capítulo, há uma descoberta: a presença de outro narrador, já que até então era em terceira pessoa e passa para a primeira pessoa, que intercala até o final a narração. Quem faz a narração em primeira pessoa não é identificada, só sabemos que é amigo de Emilia, argentino e que em determinada época se vê obrigado a abandonar sua pátria, se exilando nos Estados Unidos. Em seus relatos, o narrador revela ser um grande amigo de Emília, mas que sofre com as lembranças que ela lhe trazia da Argentina, como observamos no trecho a seguir:

Quando Emilia começou a me contar sua vida eu estava escrevendo um romance sobre Buenos Aires e a última coisa que eu queria era ouvir coisas perturbadoras: qualquer lembrança alheia desencadeava em mim outra, íntima, que me distraía. Era difícil, porém escapar da habilidade com que ela tecia a teia de aranha de sua história, com voz, pausada, de confidente, insinuando que não compartilharia com mais ninguém aquilo que me contava naquela hora. Às vezes, se eu fechava os olhos e acompanhava o relato como um veleiro que segue o vento, tinha sensação de estar sozinho com um bom romance à mão, pois, como Maugham (de quem Emilia tinha no mínimo dez volumes da coleção de clássicos da Penguin), ela dominava a arte de escamotear o essencial, para deixa-lo aparecer aos pouquinhos. (MARTÍNEZ, 2009, p.74).



Apesar de amigos, o narrador desconfia da intuição de Emilia e acredita que Simón possa estar morto com todas as versões que tiveram acesso, como vemos a seguir:

Lamentei não poder me dirigir a Emilia com toda a fraqueza, porque eu também acreditava, assim como as testemunhas do processo dos comandantes militares, que seu marido fora assassinado em Tucumán na própria noite de sua prisão. Um dos suboficiais de plantão naquele dia confessou ter presenciado o chefe liquidar Simón Cardoso pessoalmente, com um tiro na testa. Outros dois o viram antes de ser levado para o pátio onde seria morto, arrastando com dificuldade o corpo destroçado pelas torturas. As organizações de direitos humanos que investigaram o caso estavam convencidos de que por trás do crime havia a mão de Dupuy, mas não tinham provas documentais. O cadáver nunca apareceu. Os detalhes foram publicados no *Diário do Processo*. Emilia certamente os leu, mas sem acreditar neles. Qualquer sinal de dúvida a destruiria, porque, se o marido estivesse morto, o pai seria o culpado, a sua mãe cúmplice e ela, a filha de uma dupla de assassinos. Preferiria então não ter nascido, ser uma criança abandonada, um feto em um orfanato, um lixo qualquer sem identidade. Aquilo que eu sabia e que não lhe podia dizer criava entre nós um vazio, uma terra de ninguém inóspita e estéril como a faixa que se abria na porta de Mandelbaum. (MARTÍNEZ, 2009, p. 165).

Neste trecho revela que, apesar da relação que os dois constroem, ele não acredita que o marido de Emilia esteja vivo e que é menos doloroso para ela não acreditar nisto, porque só assim ela não teria a confirmação das maldades que o pai dela fora capaz de cometer, sob o consentimento de sua mãe.

Assim como a mudança de narrador, há a mudança de tempo a história de Emilia e Simón desde quando se conheceram, casaram, o desaparecimento de Simón, a busca de Emilia, o reencontro do casal e também a história do narrador, sua amizade com Emilia, além da ditadura militar na Argentina. Com a oscilação na narração e de tempo não é possível saber quanto tempo dura o encontro de Emilia com Simón até o final do livro. O relato acaba com o possível desaparecimento de Emilia, pois ao reencontrar com Simón ela não aparece no serviço e nem mantém sua rotina, o que deixa sua amiga e o narrador preocupados. Ao reaparecer, Emilia explica que está com Simón e continuará com ele, pois viajarão por um veleiro em um rio estreito da cidade, acabando com o sofrimento que ela viveu durante 30



anos, finalizando assim seu exílio: o sofrimento em busca de seu marido, como observamos no trecho abaixo:

Simón me espera em um veleiro na beira do rio. Vamos seguir juntos a corrente. Quem sabe, no caminho, cruzaremos com o tenente Clay, que navega em busca de Mary Ellis. Vamos saudar Mary Ellis com dois tiros de arcabuz. Sempre gostei de finais felizes. O rio está muito baixo, digo. Vários botes encalharam na ribeira. Dá para vê-los da ponte. Vocês agora não conseguirão navegar, muito menos em um veleiro. É um rio estreito, um riozinho de nada. Não importa, diz ela. Ele se tornará largo para nós. (MARTÍNEZ, 2009, p.247).

Neste trecho observamos a narração em terceira pessoa, sendo assim, o amigo de Emilia, relatando o fim do exílio em que ela estava, e o início de uma nova vida para o casal que estava separado há tanto tempo: a possibilidade de uma nova vida a dois.

Visões do exílio na obra

O termo exílio, pode ser definido como a condição de estar longe de casa, da cidade, da nação de modo voluntário ou não. Para Edward Said (2003) a experiência do exílio é difícil, seja ela de qual modo seja, portanto conclui-se que há exílios vividos no livro, que se revelam em diferentes abordagens. Estas experiências se demonstram difíceis de suportar, pois permitem refletir sobre o exílio, além de ser uma fratura entre o ser humano e sua nação, na qual a tristeza e a dor não podem ser superadas, pois é a perda de algo irrecuperável. Como podemos observar nesta passagem:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, p.46).



Em relação aos episódios históricos, apresentados por Said, podemos concluir que Martínez tenta transmitir um pouco da sua vida na vida do narrador desconhecido, pois como o autor, o narrador é um professor e escritor que se exilou nos Estados Unidos, que se vê obrigado a deixar sua pátria, só que ao contrário do autor, o narrador prefere continuar morando nos Estados Unidos.

Sobre a questão do deslocamento, Cortázar (2001) reflete que o exílio é como um traumatismo, pois a pessoa passa por privações: da família, de seus objetos, da sua vida, porque se vê obrigado a abandonar tudo. Podemos esclarecer um pouco com a passagem a seguir:

Há, é claro, o traumatismo que acompanha todo golpe, toda ferida. Um escritor exilado é em primeira instancia uma *mulher* ou um *homem* exilados, alguém que se sabe despojado de tudo o que é seu, muitas vezes de uma família, e no melhor dos casos de uma maneira e de um ritmo de viver, de cheiro do ar e de uma cor do céu, de um costume feito de casas e de ruas e de bibliotecas e de cachorros e de cafés com amigos e de jornais e de músicas e de caminhadas pela cidade. (CORTÁZAR, 2001, p. 149).

Estas privações citadas por Cortázar, estão presentes na obra em muitas passagens, pois Emilia vive o exílio, pois saiu do seu país em uma circunstância triste: em busca do seu marido e fugindo do autoritarismo do seu pai, Dupuy. Emilia fica lamentando a vida que podia ter tido, o sofrimento que era a sua vida sem o seu marido e só termina com o reencontro depois de trinta anos em um bar de Nova Jersey. Esta lamentação podemos perceber nesta passagem:

Sei que é uma ilusão, ingênua como todas as ilusões, e talvez tenha sido isso que me atraiu, porque os anos perdidos nunca deixaram de me atormentar e, se eu contá-los, se imaginar cada um dos dias da vida que não vivi, talvez-pensei – possa exorcizá-los. Queria recordar daquilo que não vivi, contar a vida que teria tido a cada dia, cuidando de meus filhos, amando-os, caminhando pelas cidades argentinas, lendo. (MARTÍNEZ, 2009, p. 204).

Assim como Said (2003), e Cortázar (2001), Montañéz (2013) também fala sobre a fratura incurável do exílio entre o ser humano e seu lugar de origem, produzindo experiências



dolorosas para a humanidade, já que esta marca reflete na perda da identidade: “A marca do trauma do exílio fica refletida na perda da identidade, na dor, na fratura e no estranhamento” (Montañéz, 2013, p.15). Ainda referindo sobre o sofrimento de Emilia podemos perceber na passagem a seguir, o quanto esta experiência deixa marcas, pois o sofrimento pela perda do marido é constante: “Estou me acostumando com a ausência da única pessoa que amei em minha vida. Sinto sua falta, sei que já não sou a mesma desde que o perdi e no entanto continuo como se nada tivesse acontecido. Sinto-me uma miserável” (MARTÍNEZ, 2009, p.80).

Simón Cardoso reaparece trinta anos depois com a mesma aparência física que estava ao sumir, como observamos neste trecho:

Voltou a olhar para o boxe de Simón. Queria ter certeza de que era ele. Viu-o entre os desconhecidos, de frente, falando-lhes com animação. Não havia dúvida: eram os seus gestos, a curva de seu pescoço, a pinta escura sob o olho direito. Não surpreendia apenas que o marido estivesse vivo. O mais inexplicável era que não havia envelhecido. Continua firme nos trinta e três anos e até a roupa era a mesma. Trajava calça boca de sino que ninguém mais ousava a usar, uma camisa aberta de colarinho grande como a de John Travolta em *Os embalos de sábado à noite*, as costeletas e os cabelos longos de uma outra época. (MARTÍNEZ, 2009,p.10).

Esse fato surpreendente permite a compreensão de que ele não mudou sua aparência pelo fato de permanecer preso ao passado ou de que não mudou, pois, sua história foi roubada, modificada e manchada pela ditadura que não permitiu viver sua vida de modo que lhe fosse conveniente, de viver sua história com sua esposa, de construir uma família já que estava recém-casado ou até mesmo de consolidar sua carreira pois ainda era jovem e havia toda uma vida pela frente.

Considerações finais

Como foi analisado neste trabalho e conhecendo algumas definições teóricas sobre o exílio, podemos concluir que no livro há diferentes tipos de percepções do exílio: de Emilia



que inicialmente é interno, em que se afasta das pessoas e posteriormente se afasta da casa e da família; a forma em que o narrador vive, que é o exílio mais conhecido, de estar longe da sua pátria por modo que foi involuntário mas que é o que ele prefere agora;; outra forma de exílio é o que sofre Simón que foi detido e ficou desaparecido, que ao não mudar sua aparência significa que ficou exilado do tempo, ou seja, ele ficou preso ao passado.

Na obra também podemos perceber o quanto foi difícil a época do golpe militar, através de relatos da personagem principal, pois no livro percebemos o espantoso período de desapareções na Argentina, uma história real e importante no relato ficcional, como observamos neste trecho:

Sobre os desaparecimentos daqueles anos ainda se ouvem histórias de arrepiar os cabelos. Algumas revistas que podem ser encontradas nos sebos de Buenos Aires contam, no linguajar da época, que mescla hipocrisia e cumplicidade, o extravio de pessoas que viajavam em seus veleiros e sumiam deixando a embarcação à deriva. Muitos deles eram fazendeiros, como o marido perdido de Nora Balmaceda. Antes de empreenderem, a última excursão de suas vidas, cediam as terras e as indústrias da família a chefes militares que haviam sido seus amigos e protetores. (MARTÍNEZ, 2009, p. 102).

O livro aborda este período importante do passado da Argentina e a dificuldade que a população passou, de forma poética, apresentando de certa forma, um pouco da vida do autor: Tomas Eloy Martínez, argentino que se viu obrigado a se exilar em três países diferentes: Venezuela, México e depois nos Estados Unidos. Que talvez ao escrever o livro *Purgatório* seja para o autor uma possibilidade de superar o trauma que o exílio compele a aquele que o vive.

Referências bibliográficas

CORTÁZAR, Julio. América Latina: exílio e literatura. In: _____. **Obra crítica**: volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.145-163.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **Purgatório**. Tradução: Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Companhia de Letras, 2009. 248 p.



ANAIS ELETRÔNICOS DO IX Colóquio de Estudos Literários

Diálogos e Perspectivas

SILVA, Jacicarla S.; BRANDINI, Laura T. (Orgs.)

Londrina (PR), 15 e 16 de setembro de 2015.

ISSN: 2446-5488

p. 55-63

PÉREZ MONTAÑÉS, Amanda. **Vozes do exílio: e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba.** Londrina: Eduel, 2013.

SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio. In: _____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.